

A HISTÓRIA E A CULTURA ENTRELAÇADAS NAS OBRAS DE ANSELM KIEFER E FRANS KRAJCBERG

Márcia Helena Girardi Piva¹

A grande catástrofe histórica então marcada pela Segunda Guerra Mundial indicou a necessidade de uma reavaliação e reflexão filosófica sobre a condição humana, cujos reflexos foram absorvidos pela arte.

Algo em comum marca a produção de dois artistas que vivenciaram - cada um a sua maneira - o trágico na paisagem. O olhar reflexivo sobre a natureza, tanto na obra de Anselm Kiefer como na de Frans Krajcberg, derivam de um mesmo fato histórico, a Segunda Guerra Mundial, que deixou registros não somente na história como também na arte.

Este texto propõe a análise de algumas obras de Frans Krajcberg e Anselm Kiefer buscando, primeiramente sobre aspectos formais, uma aproximação entre elas. O processo de utilização da natureza como matéria da própria arte é observada nos trabalhos dos dois artistas em questão, o que nos dirige a novas reflexões que incorporam a história e a cultura como dispositivo para produção artística. As cinzas que não conseguiram esfriar-se permanecem e ultrapassam o tempo, que se desdobra em imagens. O artista é quem nos comunica o que não foi apaziguado, os restos do passado que necessitam ser atualizados no presente.

A produção de Anselm Kiefer, assim como a de Frans Krajcberg estará dirigida neste texto à representação do trágico na paisagem. Em Kiefer a percepção da catástrofe histórica é revelada através do conjunto de sua obra. Apesar de não ter vivenciado a guerra, presenciou desde sua infância o cenário de ruínas em que se encontrava a Alemanha pós-guerra. A *Shoa* torna-se uma ferramenta para sua arte, uma maneira de revelar seu posicionamento crítico diante das atrocidades cometidas pelo regime nazista.

Questões semelhantes movem um artista que vivenciou a guerra, presenciou o cenário de destruição, em uma paisagem de cinzas na expressão do caos. Frans Krajcberg nasceu na Polônia,

¹ Dotoranda em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (bolsita FAPESP). Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da UNICAMP.

lutou na Segunda Guerra Mundial, quando perdeu toda sua família no Holocausto. Diferentemente de Kiefer sua memória sobre a guerra não se trata de algo não vivenciado. Será, portanto, a partir do trágico na paisagem que analisaremos como a arte pode promover a mutação da política em estética. A natureza, como uma energia que pulsa na matéria humana, passa a entrelaçar questões históricas que, reveladas através de imagens, nos provocam a traçar novas relações e aproximações entre as diferentes culturas.

Anselm Kiefer e Frans Krajcberg escolheram viver em outras terras que não as suas. Krajcberg, nascido na Polônia escolheu o Brasil para viver, onde luta, através de sua arte, pela defesa da natureza - violentamente devastada - como forma de conscientizar a humanidade sobre a importância da preservação do meio ambiente para sobrevivência do planeta. Anselm Kiefer nasceu na Alemanha e transferiu-se para França em 1993, onde vive até os dias de hoje. Apesar de não estabelecer-se em sua terra natal, toda sua produção artística se dirige, mesmo que indiretamente - dispersando-se nos mais variados temas -, ao trauma que vivenciou na Alemanha pós-guerra.

Frans Krajcberg, após o término da guerra estudou na Escola de Belas Artes em Stuttgart. Seu contato com o professor Baumeister (Bauhaus) na Alemanha o orientou a ir para Paris, onde encontrou Fernand Léger e Marc Chagall que aconselharam sua vinda para o Brasil. Krajcberg chega ao Brasil em 1948, no Rio de Janeiro, dirigindo-se logo após para São Paulo. Inicialmente trabalhou como funcionário do MAM, contratado como encarregado da manutenção. Durante este período conhece alguns artistas, como Mário Zanini, Alfredo Volpi e Waldemar Cordeiro. Krajcberg participa da 1ª Bienal de São Paulo com duas pinturas.

Sua lembrança sobre as atrocidades cometidas pelos homens durante a guerra nutriu seu desejo de não viver mais em sociedade, apesar de trabalhar com a indicação de Lasar Segall, por um curto período como engenheiro nas indústrias Klabin no norte do Paraná, o trauma da guerra o fez abandonar o emprego para isolar-se nas matas para pintar.

Indignado com a queimada das florestas que constantemente deixavam o céu vermelho resolveu ir para o Rio de Janeiro onde dividiria ateliê com Franz Weissmann. Em 1957, ganha o prêmio de melhor pintor na IV Bienal de São Paulo. Ao vender algumas obras resolve voltar para Paris, porém, não podia mais pintar por causa da intoxicação pela terebentina, assim, desloca-se para Ibiza na Espanha, local onde fará várias experimentações, como impressões com papel ja-

ponês sobre pedras e areia, momento em que descobre a necessidade de sentir a natureza como a matéria prima para sua arte.

Ao voltar ao Brasil em 1964, instala-se na região de Itabirito em Minas Gerais, uma região de minério - onde continuamente irá buscar pigmentos para pintar suas obras –, além de sua paixão pelas cores das terras de Itabirito encantou-se com a região do mangue no sul da Bahia, estabelecendo-se assim em Nova Viçosa desde 1972 onde reside até hoje, com 93 anos de idade, morando em uma casa suspensa em cima de um tronco de pequi de 2,60 m de diâmetro.

Ao viajar por todo território brasileiro, presenciou a devastação das florestas na Amazônia, a exploração dos minérios em Minas Gerais, a degradação da natureza. Assim reviveu o cenário da guerra. Segundo o artista, após as queimadas, com exceção dos corpos amontoados, o que restava entre as cinzas era muito próximo à paisagem vivenciada na guerra. Frans Krajcberg vive em função de um objetivo único, a defesa do planeta através da luta contra a violência do homem sobre a natureza.

Sua arma é a sua arte e esta é sua luta. Através de suas esculturas, pinturas ou fotografias, faz uma denúncia sobre o descaso do homem em relação à preservação do meio ambiente. Recolhe o que restou das queimadas, cipós e troncos de árvores calcinados, e os transforma em esculturas que parecem gritar, e querer chamar a atenção para a conscientização de que os recursos naturais são nossa subsistência, e ao serem explorados de forma desmedida, colocam em risco vida no planeta. Segundo o artista, “corremos perigo”². A vida no planeta também se esgotará se algumas ações persistirem, se os dirigentes do país fecharem os olhos para exploração dos recursos naturais de forma descontrolada, o que poderá trazer muitas consequências que tornarão difíceis as condições de vida.

Anselm Kiefer, nascido em 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial, cresceu entre as ruínas, e apesar de não ter vivenciado a guerra efetivamente, carrega o peso que ficou arraigado na alma do povo alemão. Não aceitou o esquecimento de sua cultura - que como um consenso entre o povo alemão, decidiu apagar da memória tudo que havia ocorrido antes de 1945 -, e assim, transgrediu uma proibição coletiva, reviveu a história ao criar obras que eram provocativas, remetendo a questões delicadas sobre o período nazista.

² Palavras do próprio artista durante uma entrevista informal a mim concedida, no dia 16 de agosto de 2014, em seu Sítio Natura, em Nova Viçosa no sul da Bahia.

Como comentado anteriormente, Frans Krajcberg foi oficial do exército Polonês, vivenciou a guerra e seus horrores, fato que o fez decidir não viver mais em sociedade. Para o artista foi em meio à natureza que conseguiu recuperar sua sensibilidade e sua vontade de viver. Viver em meio à natureza e distante da sociedade também parece ter sido uma decisão para Anselm Kiefer, que no ano de 1993 instala-se em Barjac onde permaneceu até o ano de 2008, em uma antiga instalação industrial desocupada, onde construiu seu estúdio, em meio a natureza e longe de centros urbanos. Neste período em Barjac, seu questionamento sobre o mundo se desloca entre temas históricos e mitológicos, que ligam o passado ao presente, e onde os elementos botânicos do lugar também passam a fazer parte de seu processo de criação.

Anselm Kiefer aprofunda-se nos estudos da mística judaica a partir de sua visita à Israel em 1984 e assim irá conectar o mito de Lilith à experiência vivenciada no Brasil. Ao ver a paisagem de São Paulo do alto do Edifício Copan em 1987, quando participou da 19ª Bienal, ficou impactado com a imagem da cidade. A partir de fotografias aéreas tiradas pelo próprio artista recorreu à figura mitológica judaica de Lilith - primeira mulher de Adão, insubordinada, protetora das cidades em ruínas -, para revelar sua preocupação com o crescimento desmedido das grandes metrópoles e o consequente afastamento da natureza. O artista, ao criar estas paisagens - construídas a partir de fotografias retrabalhadas que ele tirou da vista aérea da cidade de São Paulo – atinge o espectador de forma impactante. As grandes dimensões destas obras atraem o olhar de quem as observa e, potencializa muitos questionamentos e induz a uma reflexão mais apurada sobre o jogo de poderes que, revelados através da imagem, parecem chegar de forma violenta para destruir o meio ambiente, provocando o caos, colocando em perigo a condição humana.

Nas imagens de “Lilith” [Fig.01 e Fig.02], a poeira, areia e cinzas poluem a visão e não nos permite ver com clareza. Os fios de cobre que saem de dentro da tela [Fig. 02] parecem querer invadir o espaço, como um alerta para o futuro colapso nas comunicações. A natureza não se mostra presente neste cenário de caos, parece não ter mais lugar neste mundo tomado pelos interesses políticos e imobiliários, e assim esquece-se que o homem depende da natureza para garantir sua própria sobrevivência. Kiefer ao transformar São Paulo em uma cidade em ruínas, petrificada e coberta com areia e cinzas, demonstra uma preocupação que deve ser dirigida a todas as metrópoles mundiais.

Se nos últimos anos do século XX, Anselm Kiefer, através de sua arte, procura chamar a atenção para o destino a que a humanidade se direciona, podemos observar que pouco tem sido feito para que esta situação não se agrave.

Em muitas de suas criações [Fig.03], Kiefer refere-se ao solo alemão e aos campos arrasados na Segunda Guerra Mundial. Krajcberg, no entanto, não irá se referir à guerra que vivenciou, mas ao que vivencia no presente, diante de seus olhos, e assim busca denunciar o descuido da humanidade na sua relação com a natureza. As paisagens queimadas pelo fogo [Fig.03 e Fig.04] nos remetem ao silêncio, desprovidas de vida nos indicam que, após a queimada, o espaço tomado pelas cinzas revela as almas que, emudecidas, um dia ali habitaram. Aos olhos do artista a imagem reflete-se em esperança [Fig.05], como um alerta proposto pela própria natureza. A natureza, revelação da própria vida, torna-se o motivo e a matéria para arte. Para o artista, não há como sobreviver sem clamar, através de suas obras, para um olhar mais profundo sobre os embates terríveis presentes na história da humanidade. Guerras e revoluções, além de destruir o que foi construído pelos homens, de deixar marcas que nunca mais se apagam devem ser repensadas, como material para reflexão.

O fantasma da Segunda Guerra ainda assombra gerações e permanece entre obras de artistas da atualidade. Deveremos, portanto, pensar em um deslocamento a ser verificado. Podemos experimentar questões ocorridas no passado, que hoje ainda são vivenciadas, porém de forma atualizada, como uma mistura de coisas passadas e presentes.

As obras que Anselm Kiefer criou a partir de sua visita ao Brasil – quando participou na 19^a Bienal Internacional de São Paulo – em relação à nova arte do século XXI que o próprio artista Frans Krajcberg diz ter criado: “A preocupação planetária”³, parece nos indicar que entre progresso e poluição, avanços científicos e tecnológicos, pautados em interesses políticos e monetários, o cuidado com a preservação da natureza encontra-se excluída.

As obras dos artistas citados nos remetem a questionamentos sobre problemas que nos atingem na atualidade. No entanto, a ação do tempo parece deixar emergir à superfície questões semelhantes àquelas que no passado deixaram marcas irrecuperáveis em suas vidas. O trauma causado pela história da violência humana mostra-se como o sintoma de uma cultura. Uma nova época surge, porém as raízes enterradas permanecem, percorrem os subterrâneos e deslocam-se para outros tempos.

3 Esta designação foi feita pelo próprio artista em seu Sítio Natura, localizado no sul da Bahia, onde me concedeu uma descontraída entrevista no dia 16 de agosto de 2014.

Assim, ao correlacionar os artistas em questão, verificamos que aspectos formais por vezes aproximam a relação entre as obras e, por outras as distanciam. Nota-se, portanto, que alguns aspectos podem ser identificados como ativadores e condutores de suas respectivas trajetórias artísticas. A natureza como matéria prima, a paisagem trágica, as ruínas, a conscientização planetária são questões que permeiam não somente a produção de ambos, como se traduzem como um sintoma das dores que o mundo vivenciou no passado e que podem se repetir no futuro.

Segundo Didi-Huberman (2013, p.13), “o discurso histórico não ‘nasce’ nunca. Sempre recomeça”. Ao comentar o pensamento de Aby Warburg sobre as imagens, o autor salienta que Warburg chamava a atenção para observar em uma imagem aquilo que não foi pensado, o anacrônico, e, desta forma, a partir deste novo olhar sobre a imagem abrir a possibilidade de detectar o que ele denominava de sintoma de uma cultura, ou de acordo com Didi-Huberman, “tempo fantasmal das sobrevivências”. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.44).

Há fatos e questões culturais que mostram uma “sobre-vida”, aparecendo espontaneamente em outro contexto, em outra temporalidade, como que deslocadas de seu próprio tempo. Estaríamos, portanto, segundo Didi-Huberman (2013, p.47), diante da “indestrutibilidade de uma marca do tempo – ou dos tempos – nas próprias formas de nossa vida atual”, apesar das questões de Warburg terem outro foco e dirigirem-se para o estudo das marcas da antiguidade presentes nas obras do renascimento, faremos aqui, a partir de um pensamento semelhante, a relação de um fato histórico do passado que reaparece no presente com uma nova aparência, como um “tempo fantasmal das sobrevivências”, que atualizadas nos mostram que “o presente se tece de múltiplos passados” (DIDI-HUBERMAN, 2013,p.46).

Leila Danziger (1994, p. 234), comenta que a terra queimada, motivo de várias paisagens de Kiefer a partir dos anos 1970, “ênfatiza a degradação, a esterilidade da natureza, ou mais precisamente, do solo alemão”. Portanto o artista revela através da arte como uma cultura tão rica, foi arrasada pela luta de poderes, onde a violência deixou marcas que dificilmente serão esquecidas.

Para Krajcberg as cinzas da natureza destruída deixaram marcas na memória. O artista busca instigar a reflexão ao questionar o espectador através de imagens trágicas. A imagem de uma floresta incendiada, a partir do silêncio provocado pelas cinzas que restaram, o remetem ao mesmo cenário da guerra que vivenciou. Diz que com exceção dos corpos espalhados a paisagem parece

a mesma. Mesmo através da visão trágica de uma paisagem há a esperança de retorno à vida através da mão do artista. Esta é sua busca, através da denúncia das florestas devastadas e queimadas [Fig.06], instigar a conscientização sobre a consequência de tais atos para a vida do planeta, e que somos nós que sofreremos por nossas ações inconsequentes a respeito da preservação da natureza.

O tema da terra queimada recorrente na obra de Kiefer durante os anos 1970 se refere diretamente aos campos arrasados na Segunda Guerra Mundial - ao solo alemão -, que alguns anos mais tarde sofre um deslocamento. Assim, a partir do trauma da Guerra que deixou cicatrizes e marcou a vida e a obra destes artistas, nos referimos a um solo distante deste acontecimento trágico, um solo que não sofreu uma visão trágica do que restou, após os ataques de bombas. Ao contrário da imagem que o Brasil normalmente é visto, como o retrato de uma paisagem exuberante e selvagem, Frans Krajcberg e Anselm Kiefer ultrapassam esta visão construída, para nos orientar em direção a outras preocupações que se conectam aos cenários de caos e destruição - então dirigidos ao solo brasileiro - que se ampliam para questões mundiais.

A produção destes artistas nos faz perguntar, como dedicar toda uma vida para tornar viva uma realidade angustiante, da violência do homem contra o homem, do homem contra a natureza? Muitas vezes nos acomodamos com tanta violência, nosso dia a dia nos mostra o quão banal tornou-se queimar florestas, acabar com a vida humana, expulsar os índios de suas reservas naturais, destruir sem pensar nas consequências que certas ações podem trazer para humanidade. Atos violentos empregados no passado e repugnados na atualidade continuam a acontecer, em outro contexto, em outras circunstâncias. O artista torna-se o agente que irá provocar o desvelar de erros do passado que se repetem e, que de forma transformada, não parecem ser percebidos no presente.

Concluimos que a presença da natureza como material para criação artística é essencial na obra tanto de Frans Krajcberg como na de Anselm Kiefer. A experiência da Segunda Guerra Mundial, apesar de experimentada de forma diferente, marca através do sofrimento vivenciado, o que move os dois artistas a buscarem através de seu trabalho, uma maior conscientização sobre o cuidado com o espaço em que vivemos. Tanto através das imagens da cidade de São Paulo transformada em uma cidade em ruínas, tomada pelo caos através da série Lilith criada por Kiefer, como pelas fotografias das florestas brasileiras devastadas e incendiadas, assim como as esculturas com troncos calcinados resgatados por Frans Krajcberg das cinzas que restaram na mata destruída, será

sempre através do trágico que seremos tocados profundamente e, é justamente este o propósito da arte e a esperança do artista.

BIBLIOGRAFIA:

ALVAREZ, José; COHN, Danièle; KIEFER, Anselm; LAUTERWEIN, Andrea. **Anselm Kiefer au grand Palais**. Paris: Regard, 2007.175p.

ARASSE, Daniel. **Anselm Kiefer**. Paris: Regard, 2007. 343p.

DANZIGER, Leila. **Pintar=Queimar**.Revista Gávea 12, Rio de Janeiro: Puc- Rio, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: a história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. 506p.

KRAJCBERG, Frans et al. **Frans Krajcberg: Natura**. Catálogo do Museu de Arte Moderna de São Paulo. São Paulo: MAM, 2008. 104p.:Il.

MARTÍ, Silas. Fugi do homem para morar na floresta. **Folha de S. Paulo**: São Paulo, 04 de abril de 2011.

SCOVINO, Felipe. **Frans Krajcberg**/texto Felipe Scovino, Fernando Bini, Pierre Restany. São Paulo: Arauco Editora, 2011. 272p.



Fig. 01 –Anselm Kiefer, **Lilith**, 1987/1989 - óleo, laca, chumbo, cinzas, papoula, cabelo e argila sobre tela, 380 x 560 cm -Coleção Hans Grothe – Fonte: Catálogo Anselm Kiefer obras da coleção Grothe – Palma de Mallorca.



Fig.02 – Anselm Kiefer, **Lilith**, 1987-89, óleo, cinzas e fios de cobre sobre tela, 380 x 560 cm. Tate Gallery (aquisição 1990). Fonte: Tate Gallery.



Fig.03 – Anselm Kiefer, **Via Láctea**, 1987 - fio de cobre, objeto de chumbo e tiras de chumbo sobre óleo, acrílico, emulsão e goma-laca sobre tela, 380 x 560 cm - Albright Knox Museum, Buffalo . Fonte: Arquivo Histórico Wanda Svevo, Fundação Bienal de São Paulo.



Fig.04 - Frans Krajcberg, sem título, foto. Década de 1960 aos nossos dias. Acervo do artista. Fonte: Catálogo MAM – Exposição Frans Krajcberg “Natura”, 2008. São Paulo – Brasil.



Fig.05 - Frans Krajcberg, sem título, foto. Década de 1960 aos nossos dias. Acervo do artista. Fonte: Catálogo MAM – Exposição Frans Krajcberg “Natura”, 2008. São Paulo – Brasil.

Fig.06 - Frans Krajcberg, sem título, foto. Década de 1960 aos nossos dias. Acervo do artista. Fonte: Catálogo MAM – Exposição Frans Krajcberg “Natura”, 2008. São Paulo – Brasil.